ESCOLARIZAÇÃO NO MEIO RURAL – JUVENTUDE E MARCAS DE GÊNERO

Catarina Malheiros da **Silva** – UnB

Agência Financiadora: FAPESB

Introdução

Este artigo se propõe a analisar os sentidos da escola para os/as jovens rurais do Distrito Espraiado e fazendas, localizados no município baiano de Palmas de Monte Alto, apresentando as marcas de gênero na sociabilidade das relações cotidianas, bem como o lugar da Educação formal para moças e rapazes, já que a atenção exagerada às imagens estereotipadas dos/das jovens difundidas pela mídia nos impede de reconhecer os significados atribuídos por estes sujeitos à escolarização no meio rural brasileiro.

As questões relativas à juventude rural há alguns anos vêm ocupando um espaço importante em minha vida, já que em meu trajeto formativo e profissional os/as jovens do sertão baiano sempre estiveram presentes. Como coordenadora pedagógica no período de 2001 a 2004 nas escolas do ensino fundamental – 5ª a 8ª séries, localizadas em áreas rurais, convivi com jovens estudantes e trabalhadores, que vivenciam experiências nos espaços que frequentam para além da escola. Esse convívio instigou-me a buscar o estudo sobre eles, numa perspectiva que conceba suas vozes como possibilidade. É bastante relevante conhecer o significado da escola e do saber escolar para esses jovens, já que, ao observar a dinâmica extraclasse, percebe-se que o espaço escolar é vivenciado de distintas formas, constituindo-se como local de encontros, para bater papo, namorar, escutar música, ou seja, um espaço de relações sociais. Ir à escola e estar na sala de aula parece não ser a mesma coisa para os/as jovens. Que significados atribuem à escola, considerando a existência dessas vivências?

Na tematização sobre juventude e escola no Brasil, observa-se a escassez de estudos que se proponham a desvelar o sujeito a partir da perspectiva da totalidade do ser social e cultural, para além da monolítica dimensão identitária de aluno. Muitos dos sentidos ligados à escola passam hoje pela dimensão da sociabilidade, da convivência entre os jovens e da construção de projetos de vida (Spósito, 1997; Dayrell, 2005). Historicamente, a instituição escolar pública parte do princípio de que todos os jovens

deste país provêm de espaços onde as relações sócio-culturais, o pertencimento étnico-racial, as relações de gênero e tantas outras dimensões são homogêneos e únicos. Nesse sentido, a desarticulação existente entre o saber mediado na escola e o cotidiano dos jovens que vivem no meio rural reforça a assertiva de que as formas de vida e a cultura dos grupos privilegiados é que são valorizadas e instituídas como cânone.

Escola no meio rural – reflexões iniciais

A compreensão dos significados da escola para os/as jovens do meio rural passa pelo conhecimento dos espaços de vivência e aprendizado extra-escolares, numa perspectiva em que o diálogo e o respeito por suas condições de vida passam a ser fundantes. O ensino público brasileiro ainda não garante aos alunos as condições necessárias para que desenvolvam uma relação significativa com o saber escolar. O entendimento ainda vigente é o de que o/a jovem, ao rejeitar a escola e o/a professora, não consegue se apropriar do saber escolar e/ou intelectual.

Embora a educação escolar tenha sido relegada aos homens e mulheres do campo, historicamente, observa-se que os/as jovens rurais têm atualmente maiores chances de continuar os estudos, ao contrário das gerações anteriores (Abramovay et al, 2004; Stropasolas, 2006). Assim, a instituição escolar pode ser vista pelos jovens como espaço relevante para a superação das condições existentes, sobretudo no que se refere à relação estabelecida com o trabalho agrícola. Nesse sentido,"...a valorização do estudo como condição para o jovem do campo conseguir um emprego está, em grande parte, associada ao abandono da atividade agrícola" (Carneiro, 2005, p.250).

Um outro aspecto presente no processo de formação escolar dos jovens do meio rural diz respeito à diferenciação de gênero observada na procura de aprimoramento educacional. Vale ressaltar, ainda, que a relação das jovens com o trabalho agrícola assume contornos diferenciados.

A posição dos jovens homens no processo sucessório no interior da família, a penosidade da atividade agrícola e a não participação das jovens nas discussões sobre o futuro da propriedade têm sido apontados como fatores que, por um lado, afastam as jovens da atividade agrícola, favorecendo a migração para o meio urbano e,

consequentemente, a ampliação do nível educacional e, por outro, contribuem para a masculinização da população rural (Abramovay et al, 2004).

Os pais que querem que os filhos sejam seus sucessores no estabelecimento familiar ou que a filha se responsabilize pelo cuidado na velhice, desestimulam-nos desde crianças para o estudo[1]. No que concerne às jovens, estas são orientadas para o estudo, já que não existem perspectivas de sua permanência no meio rural, pois a transmissão do patrimônio familiar está atrelada ao sexo e à ordem de nascimento (Stropasolas, 2006). Nesse sentido, pode-se pensar que o prolongamento da escolarização, bem como as aspirações ocupacionais não acontecem de forma semelhante para moças e rapazes. Afinal, concorrem para esse prolongamento as possibilidades de acesso e permanência na escola.

Essa clivagem de gênero no que diz respeito ao investimento educacional nos aponta o significado da educação para moças e rapazes. O acesso ao estudo para as moças vai muito além da conquista da independência familiar e da possibilidade de emprego na cidade, uma vez que a formação educacional fortalece seus planos futuros "...com amplitudes que se estendem até outras dimensões do campo profissional e da vida, vendo no acesso aos estudos a possibilidade de questionar padrões, conceitos e comportamentos, sobretudo aqueles que restringem a sua liberdade no espaço rural" (Stropasolas, op.cit, p.306). Entretanto, atualmente, há uma tendência em rever o valor atribuído à formação escolar, em virtude da constatação da precariedade na formação dos filhos dos agricultores, sobretudo dos rapazes.

Esse cenário possibilita o entendimento do ser jovem no campo, uma vez que a ampliação do processo de escolarização favorece o prolongamento da juventude, mediante a existência da dependência e coabitação com a família de origem (Vieira, 2006). Daí o fato de que a compreensão do/da jovem como sujeito integral perpassa o redimensionamento do olhar da escola sobre ele. Ou seja, a escola deve conhecer os sujeitos com os quais atua, dentro e fora de seus muros, entendendo a vivência juvenil no meio rural, marcada por um modo de vida singular, como dimensão importante para significar o saber escolar.

---

[1] Por meio de relatos orais também ouvimos histórias de jovens mulheres que foram impedidas de continuar os estudos, por estarem designadas para cuidar dos pais na velhice.

Por fim, é preciso compreender a relação tecida entre os/as jovens e a escola a partir de uma perspectiva que ultrapasse a sua condição de estudante, concebendo-os como sujeitos que estudam e têm outras atividades, que constroem um trajeto escolar e profissional combinado com essas outras dimensões que compõem a vida de cada um.

A pesquisa

A pesquisa que subsidia as discussões apresentadas no presente artigo foi realizada para elaboração de uma dissertação de mestrado na UnB, com jovens estudantes do Distrito rural Espraiado, no município de Palmas de Monte Alto (BA). Buscou compreender e analisar o significado das experiências escolares para a formação de jovens que vivem no Sertão da Bahia, além de investigar suas vivências cotidianas e projetos de futuro. O critério de escolha está aportado no fato de que a oferta de Educação Básica constitui-se em fenômeno recente no Distrito, haja vista que as áreas rurais de pequenos municípios brasileiros tiveram um processo de escolarização tardio e sexista. Aspectos como a distância da sede do município, a densidade demográfica e as marcas de isolamento também motivaram a realização do estudo. O colégio no qual foram localizados os/as jovens é uma instituição de ensino fundamental de 1ª a 8ª série da rede pública do referido município que funciona nos turnos matutino, vespertino e noturno. O turno matutino é frequentado por crianças oriundas da sede do Distrito, que cursam a educação infantil e as séries iniciais do ensino fundamental. Os/as jovens provenientes das fazendas e sede do Distrito estudam a 5ª a 8ª no turno vespertino e chegam à escola no ônibus escolar, que transporta estudantes e pessoas da comunidade. No noturno funciona uma turma de 5ª/6ª série, frequentada por adultos e jovens que estudam na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA), além de turmas de ensino médio.[2]

Na tentativa de reconhecer as especificidades que caracterizam os contextos locais do meio rural, optou-se por realizar uma pesquisa etnográfica na qual a observação participante e os grupos de discussão se constituíram como principais instrumentos de coleta de dados. Os grupos de discussão foram formados com jovens estudantes do sexo masculino e feminino, a partir do critério da amizade, ou seja, os

[2] As turmas de ensino médio funcionam desde 2005. Em anos anteriores, os alunos se deslocavam para a sede do município no transporte escolar rural.

próprios jovens determinavam quem participaria do grupo, com a presença de três a seis integrantes por grupo. Foram realizados um total de dez grupos de discussão com jovens oriundos do Distrito e fazendas vizinhas, alunos da 5ª a 8ª série, faixa etária de 12 a 18 anos, entre os meses de fevereiro e março de 2008. No primeiro momento, optou-se por realizar os grupos com jovens matriculados nos últimos dois anos do ensino fundamental, haja vista que se trata de uma fase em que novas perspectivas e projetos de futuro começam a ser delineados. Questões sobre a continuidade dos estudos, a busca por trabalho na cidade, o ingresso em cursos técnicos fazem parte dos interesses desses jovens.

O processo de formação desses grupos ocorreu de forma tranquila e acessível. Como os jovens se organizavam em rodas de amigos pelo entorno da escola, a abordagem era feita, considerando a aproximação existente entre eles/as. Observou-se, ainda, que se organizavam em grupos de rapazes e moças, sendo rara a existência de grupo misto. Os grupos de discussão foram realizados seguindo um tópico-guia que trazia os temas de interesse da pesquisa. A interação entre os membros variava de um grupo para outro. Apesar de serem colegas de sala, em alguns grupos a conversa fluía; em outros, alguns membros simplesmente mantinham-se em silêncio durante toda a entrevista. Mas, em quase todos os grupos, assuntos como o fim de semana, família, casamento e eventos escolares eram discutidos com mais entusiasmo. No entanto, na maioria desses grupos, a discussão se limitou aos temas apresentados pela pesquisadora, ainda que ao final da discussão fossem novamente instigados a falar sobre assuntos que não haviam sido discutidos. Ao término dos grupos de discussão, com o objetivo de obter informações adicionais, cada participante preenchia um questionário com informações relevantes para a constituição do perfil de cada um.

Em seguida, deu-se início à análise dos dados empíricos. Inicialmente, realizou-se a transcrição e divisão temática dos grupos de discussão realizados com os jovens. Essa divisão compreende a identificação das passagens/subpassagens e da metáfora de foco. Embora todos trouxessem aspectos importantes para serem analisados, a escolha de grupos representativos para análise era necessária. Nesse sentido, foi feita a transcrição completa e codificada de três grupos, tendo o cuidado de preservar as marcas de oralidade dos entrevistados, na tentativa de garantir o reconhecimento do dialeto local e da densidade interativa presente nos grupos. Para a análise, foram escolhidos os grupos “Os/as jovens que vêm de longe” e “As meninas que sonham.” A

escolha está aportada nas especificidades apresentadas pelos referidos grupos, tais como o local de moradia e as representações de gênero. O processo de análise destes foi feito a partir do método documentário de interpretação desenvolvido por Karl Mannheim e adaptado para a pesquisa social empírica por Ralf Bohnsack.

Considerando os limites do presente artigo serão apresentados a seguir alguns segmentos do eixo escola, dos grupos de discussão "Os/as jovens que vêm de longe" e "As meninas que sonham". No primeiro momento, faz-se uma breve apresentação do perfil dos participantes de cada grupo. Em seguida, a análise do eixo escola que se propõe a entender os sentidos atribuídos pelos/as jovens à escola, considerando as dimensões de gênero, perspectiva de futuro e trajetória escolar.

Quem são os/as jovens que vêm de longe

Moisés (Mm) tem 17 anos, religião católica, negro, 7ª série, natural da fazenda Cedro, em Palmas de Monte Alto. Mora nessa fazenda desde que nasceu, na companhia dos pais. Tem 7 irmãos e irmãs. Sua mãe nasceu na fazenda Malhada Grande, é lavradora e ganha R$15,00 por dia. Seu pai nasceu na fazenda Papaconha, é lavrador e ganha R$15,00 por dia. Ambos cursam a Educação de Jovens e Adultos à noite, na fazenda Cedro.

Tatiana (Tf) tem 13 anos, religião católica, negra, 5ª série, natural da fazenda Cedro, em Palmas de Monte Alto. Mora nessa fazenda desde que nasceu, com os pais. Tem 7 irmãos e irmãs. Sua mãe é zeladora e foi a primeira professora da localidade. Tatiana não informou a naturalidade dos pais, a renda, a escolaridade e a ocupação do pai.

Carla (Cf) tem 16 anos, religião católica, negra, 6ª série, natural da fazenda Cedro, em Palmas de Monte Alto. Mora nessa fazenda desde que nasceu, com os pais. Tem 9 irmãos e irmãs. Sua mãe nasceu em Malhada, trabalha em casa e cursa a Educação de jovens e adultos à noite na fazenda Cedro. Seu pai é lavrador e ganha R$15,00 por dia. Carla não informou a escolaridade dos pais e a naturalidade do pai.

Wesley (Wm) tem 14 anos, religião católica, negro, 7ª série, natural da fazenda Cedro, em Palmas de Monte Alto. Mora nessa fazenda desde que nasceu, com os pais. Tem 4 irmãos e irmãs. Sua mãe é lavradora e ganha R$15,00 por dia. Seu pai é lavrador e ganha R$15,00 por dia. Ambos estão cursando a Educação de Jovens e Adultos à noite na fazenda Cedro. Wesley não informou a escolaridade e a naturalidade dos pais.

Carlos (Cm) tem 16 anos, religião católica, negro, 6ª série, natural da fazenda Cedro, em Palmas de Monte Alto. Mora nessa fazenda desde que nasceu, com os pais. Tem 7 irmãos e irmãs (informa ainda que morreram 8 irmãos/ãs). Sua mãe nasceu em São Paulo, é zeladora e tem o ensino fundamental completo. Seu pai é lavrador. Não informou a renda dos pais, bem como a escolaridade e naturalidade do pai (escreveu que não sabe a naturalidade do pai).

João (Jm) tem 18 anos, religião católica, negro, 7ª série, natural de Palmas de Monte Alto. Mora na fazenda Curral Novo desde que nasceu, com os pais. Tem 6 irmãos e irmãs (morreram 2 irmãos/ãs). Sua mãe nasceu em Candiba, é lavradora e ganha R$15,00 por dia. Seu pai é lavrador e ganha R$15,00 por dia. Informa não saber a escolaridade dos pais e a naturalidade do pai.

"Não ser só um carregador de livro" – elaborações sobre a escola

Saber o que os jovens da fazenda Cedro pensam sobre a escola em que estudam possibilita compreender como vivenciam a condição de jovem estudante, considerando as práticas de sociabilidade, a relação com o conhecimento, bem como os significados que atribuem à educação escolar. Ao serem indagados sobre a escola, descrevem-na como espaço importante, que, além de ser divertido e exigente, favorece a aprendizagem de coisas interessantes (Passagem Escola, linhas 4-21):

> Y:E vocês poderiam falar um pouquinho assim sobre a escola em que vocês estudam ?
>
> Wm: eu gostaria eh que a escola que eu estudo aqui é uma escola muito boa divertida mesmo, muito (2) escola muito perigosa para pegar no pé para nós pra nós poder fazer as coisa mais direito poder

saber mais que nós sabe fazer na escola não ser só um carregador de livro e também (2) um discursuzinho melhor ( )

Mm: a minha escola onde eu estudo pra mim é boa porque (1) eu desenvolvi muita coisa aqui nela depois que eu estudei aqui e gosto também dos professores e dos colega

(3)

Cm: bom a escola é importante né porque (1) e eu mesmo e eu tinha saído da escola fiquei umas duas semanas fora da escola aí o Conselho Tutelar foi atrás de mim eu voltei e ainda consegui recuperar ainda (2). Por isso que eu quero é pedir graça a Deus pra mim não sair da escola

(3)

Cf: a escola pra mim é importante porque através dela que eu aprendi muitas coisas e hoje também continuo aprendendo

Tf: é a escola pra mim é importante porque depois (1) que eu entrei na escola aprendi muitas coisas interessante

Jm: pra mim também é importante a escola ºentrei na escola e desenvolvi até bemº aprendi uma coisa melhor por isso que eu gosto da escola.

Os jovens atribuem um sentido extremamente positivo à escola, dada a sua capacidade de garantir a aprendizagem. No entanto, nesse momento da discussão, não apontam quais aprendizagens obtiveram nessa instituição e os significados concretos destas para a vida cotidiana do grupo. A não explicitação dos conteúdos aprendidos pode estar associada às dificuldades de relacioná-los à sua vida diária, talvez porque o conhecimento escolar mediado não dialogue com as necessidades, interesses e desafios enfrentados por estes jovens.

O reconhecimento social por ser escolarizado, sobretudo no campo – onde os indivíduos sempre foram tratados como ignorantes, iletrados – aparece como experiência relevante para os/as jovens. A existência da instituição escolar pública no meio rural é recente, o que concorre para a valorização desta como símbolo de desenvolvimento local. O pouco "tempo de escola" de muitos homens e mulheres do campo está inscrito na memória coletiva da comunidade.

Sair da condição de mero “carregador de livro” tal como propõe Wesley para a de estudante que aprende “coisas interessantes” pode se constituir num desejo de valorizar-se como sujeito “estudado”, capaz de produzir um “discursuzinho melhor”. A motivação que os/as jovens têm para aprender, reforça a esperança de um dia “ser alguma pessoa na vida”, ser visto pelos seus iguais como alguém que se apropriou de um capital cultural, que sempre lhes foi negado. Também vigora o desejo de que essa condição favoreça a ascensão social, a mobilidade, aqui traduzida pelo desejo de “um dia ser alguém na vida”. Daí a valorização do tempo escolar, que não deve ser desperdiçado.

Talvez por isso o movimento de ir à escola é pensado para além da frequência diária. Embora a viagem cansativa e longa até a instituição favoreça o desânimo, os/as jovens do Cedro vislumbram a possibilidade de permanecer com êxito. Isso implica assumir uma postura frente à escola, tornar-se aluno. A elaboração feita por Wesley confirma o papel da escola na construção do sujeito aluno, sobretudo no que se refere à positivação da cultura escolar. A posição enérgica e disciplinadora da instituição que se propõe a ensinar é apontada pelos jovens como necessária, o que confere responsabilidade ainda maior à escola. A cobrança feita por Wesley à escola “pegar no pé pra nós poder fazer as coisa mais direito” apoia-se na expectativa de ter acesso a um ensino de qualidade.

Para esses jovens, a conquista de um “discursuzinho melhor” traduz a busca por um conhecimento a que somente na escola se pode ter acesso, ao mesmo tempo em que esta tem condições de distribuí-lo eficaz e coletivamente. A permanência na escola e, consequentemente, a apropriação da cultura escolar, garantem que um tipo de saber específico seja ensinado. Trata-se da inclusão de um *saber letrado* no cotidiano do mundo rural, através dos “estudados”

Muitos jovens rurais dividem seu tempo entre a frequência à escola e as "ajudas" à família. A ida à roça como tarefa dos rapazes e a permanência em casa como condição das moças marca a rotina diária destes sujeitos. Saber se esses jovens têm atribuições nestes espaços é importante para compreender os possíveis impactos na relação estabelecida com a escola, bem como a trajetória de moças e rapazes (Passagem Trabalho rural linhas 248-263):

Y: Vocês trabalham na roça também?

m: trabaio

Wm : assim **todas as férias da escola** no começo no tempo da reposição do mantimento nós trabaia :

Jm: eu também trabaio

Mm: As vezes ajudo meu pai panhar colher o feijão cercar uma cerca que dentro de casa o maior que tá tendo agora só eu dos irmãos mais vei do que eu já saiu para fora então só tenho eu e ele então portanto (2) deve ajudar ele

Cf: eu mesmo é difícil eu trabaiar assim na roça ☺3☺ eu ajudo mais é minha mãe dentro de casa

Tf: eu também ajudo minha mãe mais dentro de casa assim é algumas vezes que eu vou assim trabaiar assim na roça com meus pais e meus irmãos

Cm: e eu trabaio na roça assim mais meu pai assim quando ( ) na roça mas quando tem serviço fora às vezes alguma pessoa quer pagar um dia de serviço pra mim trabaia eu vou e trabaio né porque eu não posso **sair pra trabaiá que eu tô estudando** tem que aproveitar assim o dia que a gente acha um serviçinho pra poder trabaiá.

Os/as jovens da Fazenda Cedro prestam ajuda aos pais nas atividades agrícolas e domésticas, assumindo papéis diferenciados ao longo de sua socialização na comunidade. Os ritos de iniciação do processo de divisão social do trabalho na família começam a ser exercitados desde cedo, ainda na infância. Em muitos contextos, a participação de crianças e de jovens, tanto em casa como fora dela, é de grande importância para garantir o sustento do grupo doméstico. Os rapazes são socializados nas "lidas da roça", cabendo ao pai a responsabilidade de ensiná-lo a se apropriar dos códigos de um mundo que é essencialmente masculino. As demonstrações de força, coragem e valentia frente à labuta da roça fazem com que o filho homem assuma desde cedo a sua posição.

A ajuda prestada ao pai, sobretudo quando os irmãos "mais véi" já saíram pra "fora" constitui-se em obrigação para com toda a família. Os filhos que ficam passam a ser indispensáveis. No entanto, a "lida na roça" não compromete a presença dos jovens rapazes na escola, pois a proposição de Wesley – "todas as férias da escola (...) nós trabaia" – e a complementação de Carlos, que não se mostra seduzido para sair pra trabalhar já que "[tá] estudando", parecem confirmar que somente em momentos

específicos os jovens são requisitados para trabalhar na roça. Essas “ajudas prestadas” não se destinam a afastar o jovem da escola, ainda que façam parte do seu dia-a-dia.

O estudo dos rapazes em áreas rurais, onde a agricultura familiar é a base de sustentação do grupo, durante muito tempo, foi visto como desnecessário. A interrupção da trajetória escolar era justificada muitas vezes por uma possível incapacidade do rapaz para se apropriar dos códigos escolares. Para os jovens rapazes da fazenda Cedro, a saída da escola para ajudar o pai não é mais cogitada, ao contrário de épocas passadas. Aspectos como a recente institucionalização da educação formal nas áreas rurais e a valorização do conhecimento escolar como elemento importante para acessar um lugar no mundo do trabalho, figuram como razões que parecem mobilizar as famílias para garantir a permanência dos filhos na escola.

Enquanto os rapazes são inseridos desde cedo no "mundo da roça", em muitas áreas rurais o espaço da casa e do quintal fica sob a responsabilidade das filhas. Por meio da exemplificação “eu mesmo é difícil eu trabaiar assim na roça ☺ eu ajudo mais é minha mãe dentro de casa”, Carla deixa claro o lugar destinado às moças. As atividades domésticas – simbolizadas pela presença da mãe – figuram como elemento socializador destas, impedindo que sejam chamadas para o trabalho na roça. Somente em algumas ocasiões acompanham a família, pois, embora as mulheres da casa também trabalhem, destina-se ao pai e aos rapazes os trabalhos concebidos como mais pesados.

Quem são as Meninas que sonham

Daniela (Df) tem 14 anos, religião católica, branca, 8ª série, natural da fazenda Angico, em Palmas de Monte Alto. Mora em Espraiado, há 12 anos, com os pais. Tem 5 irmãos e irmãs. Sua mãe nasceu na fazenda Angico, tem o ensino fundamental incompleto, é gari e ganha R$70,00 por mês. Seu pai nasceu em Angico, tem ensino fundamental incompleto, trabalha em associação. Não informou a renda do pai.

Bruna (Bf) tem 14 anos, religião católica, negra, 8ª série, natural de Guanambi. Mora na fazenda Muquém com os pais, desde que nasceu. Tem 4 irmãos e irmãs. Sua mãe nasceu na fazenda Muquém, trabalha em casa e tem o ensino fundamental completo. Seu pai nasceu na fazenda Muquém, é agricultor e tem ensino fundamental completo. Não informou a renda dos pais.

Geane (Gf) tem 12 anos, religião católica, branca, 8ª série, natural de Palmas de Monte Alto. Mora com os pais em Vesperina, desde que nasceu. Tem 1 irmã. Sua mãe é professora, tem ensino superior completo e Pós-graduação *lato sensu*. Seu pai é funcionário da limpeza geral e tem o ensino fundamental completo. Não soube informar a naturalidade dos pais. Também não informou a renda de ambos.

"Com escola é que nós somos tudo" - aprendizagens e partilha

Ao propor que falassem sobre a escola em que estudam, buscava-se conhecer os significados atribuídos, as vivências compartilhadas e as expectativas das jovens sobre a escola. A pergunta privilegia o relato espontâneo das jovens, pois são solicitadas a abordar a escola de uma forma mais ampla. A expressão "um pouco," no entanto, pode favorecer a brevidade das falas (Passagem Escola, linhas 4-11):

> Y: Vocês poderiam falar um pouco assim sobre a escola de vocês?
>
> Df: Minha escola é boa pois nela eu aprendo coisas assim interessantes que talvez eu posso aprender e ensinar assim pra outra pessoa
>
> (6)
>
> Gf: Na minha escola eu também eu também acho bom porque lá a gente aprende uma fonte de sabedoria gente aprende mais falar que nem ela falou que gente pode ajudar os outros
>
> Bf: Minha escola eu acho bom porque na escola é onde tá nosso futuro e com escola é que nós somos tudo (5) ☺ 2 ☺

O significado positivo da escola está atrelado à possibilidade de aprendizagem que essa instituição assegura. Trata-se de uma aprendizagem considerada relevante que poderá ser "ensinada" para outras pessoas. A partilha do que foi aprendido na escola parece ser uma ação importante para as jovens, talvez porque vivem num meio onde o conhecimento sistematizado é acessado pelos que frequentam a escola. Essa disposição para ajudar aos que possivelmente não se apropriaram da cultura escolar marca as relações cotidianas estabelecidas entre os que "estudam" e os que não têm "nenhum estudo" no meio rural. A presença de filhos(as) jovens na escola assegura a mobilidade

de muitas famílias, que passam a contar com as “ajudas” prestadas pelos “mais estudados” para desempenhar papéis que prescindem do letramento.

Vale ressaltar, no entanto, que as jovens fazem uma descrição genérica daquilo que aprendem na escola e que poderá ser ensinado. A proposição de Daniela e a complementação de Geane “aprendo coisas interessantes” apontam a dificuldade das jovens em fazer elaborações a partir de exemplos concretos e específicos sobre a escola em que estudam. É importante destacar que essas dificuldades iniciais podem ainda estar apoiadas na forma como a instituição escolar historicamente se apresenta aos jovens. A avaliação de Bruna – “minha escola eu acho bom porque na escola é onde tá nosso futuro” – parece confirmar o predomínio do tempo futuro como elemento marcante na trajetória escolar das jovens. A experiência de estar na escola é pensada com base no que ela pode ofertar num tempo posterior.

A condição estudantil de muitos/as jovens na escola está vinculada a exigências que consideram apenas a preparação para o futuro, o que demonstra existir um desconhecimento no que se refere ao cotidiano, aos desejos e inquietações que marcam o momento presente da vida desses sujeitos. Ao postular a garantia de acesso a um futuro promissor, a escola não permite que os(as) jovens sejam reconhecidos como possibilidade no tempo presente, momento de ressignificação da vida diária.

Como essas jovens residem em localidades onde a agricultura de subsistência marca as relações de produção e consumo, é importante saber sobre a “labuta” do seu cotidiano para compreender os significados atribuídos ao trabalho agrícola. (Passagem Trabalho na roça, linhas 721-740):

> Y: vocês trabalham na roça também?
>
> Gf: eu não por ca por conta da minha alergia que eu não posso tomar sol nada nada que tem leite seus derivados nada que tem conservantes e corante artificial
>
> Bf: eu eu não
>
> Gf: └aí minha folguinha é essa né ☺3☺ ☺ pra eu não poder trabalhar na roça ☺
>
> Bf: eu não trabalho porque apesar que eu estudo <u>eu estudo o dia todo</u> e no final de semana meus pais não trabalham é tempo de ficar em casa descansando e com isso eu não (1) eu não faço nada ☺ passo o ano provavelmente sem fazer nada (1) é porque eu estudo no PETI uma

> aula de reforço e às vezes quando não tem atividades a gente brinca é um é um tipo de programa que tem na Secretaria de Assistência Social e também (2) é um é uma escola que me ajudou muito que sem ela eu acho que hoje eu não tava nesta série porque eu sinto dificuldade muito na matemática e a minha monitora do PETI me ajudou muito como a Manoela que tava ali e Janaina a filha do (2) do homem que vende na sorveteria que foi um amor de pessoa pra mim e hoje eu agradeço muito a ela por causa dessa escola me ajudou muito
>
> Df: né como elas iam dizendo que elas não trabalha ni roça só que eu trabalhava antes de começar as aula agora eu não trabalho porque porque eu estudo à tarde e ia assim na na roça de manhã e vinha onze horas pra arrumar pra ir pra ir pra aula mas eu ni roça assim eu não trabalho eu vou eu trabalhava assim na casa de uma mulher lá uma mulher ali na outra rua ali e ia assim de manhã até meio dia mas tem vez que eu não chego de manhã até meio dia mas vou lá sete horas faz as coisas rapidinho e nove horas eu tô em casa, (2) ni roça não trabalho

A relação positiva que as jovens estabelecem com a educação formal, representada pela proposição enfática feita por Bruna "eu estudo o dia todo," não permite que os trabalhos na roça e na casa comprometam a sua condição de estudante. Isso fica mais claro quando Daniela, de forma entusiasmada, complementa a fala de Bruna, apresentando a sua rotina "eu trabalhava antes de começar as aula agora eu não trabalho porque eu estudo à tarde". Ainda que eventualmente trabalhem, são as atribuições concernentes ao mundo da escola que recebem atenção. A frequência diária, o cumprimento dos horários e datas, as atividades propostas marcam o dia-a-dia das jovens que provavelmente são dispensadas pelo grupo familiar para que se dediquem aos estudos. Também a inserção em tempos/espaços educativos como o PETI,[3] programa de erradicação do trabalho infantil, figura como aspecto reforçador do estatuto de estudante das jovens. A satisfação demonstrada por Bruna ao justificar: "porque eu estudo no PETI, uma aula de reforço e às vezes quando não tem atividades a gente brinca", a sua ausência nas "lidas da roça" possibilitam pensar sobre o impacto desses programas em áreas rurais marcadas pelo empobrecimento e alto índice de analfabetismo.

---

[3] O PETI foi implementado no município no final da década de 1990, em razão da existência de crianças inseridas no trabalho infantil, após estudo realizado pela UFBA. Historicamente, os programas de transferência de renda trazem implícito na a idéia de que as famílias e as crianças "são portadoras de um déficit para o qual as instituições deveriam oferecer uma compensação" (Connel, 2002).

Embora o trabalho doméstico tenha sido um referencial predominante na socialização das jovens rurais, desde a infância, é a presença no espaço escolar – historicamente negado às mesmas – que é reivindicado como *locus* para a aprendizagem. Muitas jovens sofreram um processo de socialização que as preparava para a desvantagem, com expectativas de escolarização e profissionalização menores do que os rapazes. Em muitas localidades rurais, a aprendizagem das "primeiras letras" era privilégio dos meninos e rapazes, o que reforçava o aspecto segregador da condição de vida das mulheres.

É possível que a insatisfação de muitos lavradores com o retorno obtido da "labuta penosa na roça" fortaleça o empenho das famílias para garantir a permanência dos filhos (as) na escola.[4] Também as demandas colocadas pelo mercado de trabalho em torno da valorização da escola e a possibilidade de ampliar o capital cultural constituem-se como elementos motivadores para essas famílias.

Considerações finais: análise comparativa dos grupos de discussão

A presente análise busca reconstruir as orientações coletivas dos grupos "Os/as jovens que vêm de longe" e "As meninas que sonham," bem como as interações produzidas pelos/as jovens sobre a escola, numa tentativa de compreender as divergências, aproximações e singularidades que marcam a relação com esta instituição social, nesta etapa da escolarização. A compreensão destas questões passa pelo reconhecimento dos aspectos que marcam o processo de escolarização destes jovens, a exemplo da dimensão sócio espacial, sexo e cor/raça, renda, faixa etária e trajetória escolar.

O movimento que "As meninas que sonham" fazem em torno da educação escolar é marcante. No momento em que são solicitadas a falar sobre o trabalho na roça, apresentam a sua condição de estudante em tempo integral como aspecto carregado de

[4] As entrevistas realizadas com as famílias rurais sobre a inserção dos/das filhos jovens no mundo da roça possibilita compreender essa questão. A fala de um morador do Distrito que tem filhos na escola, quando solicitado a falar sobre o trabalho na família, é bastante ilustrativa "criança, pessoal novo hoje, por causa do estudo não faz parte de trabalhar na roça, porque sabe que você não pode tirar um jovem novo pra poder adoecer, pra colocar em roça pra atrapalhar os estudo dele. Mas sempre a família da gente, o homem, a mulher que são lavradores, sempre é seguro no cabo do arado mesmo ☺☺3☺". Entrevista com Senhor Quitério, em julho de 2008, linhas 116-120.

sentido. A escola figura como espaço central e demarcador da rotina das jovens. São as atribuições da vida escolar que ganham a atenção delas, o que permite pensar também no papel exercido pelas famílias rurais no que se refere à garantia das condições de estudo dos filhos.

Esse movimento também marca as orientações coletivas dos/das jovens que vêm de longe, pois apresentam a escola como espaço que determina a relação circunstancial estabelecida com o trabalho rural. E aí chama a atenção que essa proposição não é feita apenas pelas moças, mas sobretudo pelos rapazes, que nesse contexto não são retirados da escola para servir ao mundo da roça. Estes deixam claro a sua condição de estudante, sobretudo a partir da explicação de Carlos – "eu to estudando" – , o que reforça a nova tendência no que concerne à escolarização dos rapazes. Ao contrário de épocas passadas, os rapazes têm permanecido na escola por mais tempo, o que os diferencia de outros que constroem os projetos de futuro em consonância com o mundo agrícola. Para esses rapazes, essas projeções estão ligadas à aquisição da cultura escolar. Um aspecto que também singulariza "Os/as jovens que vêm de longe" diz respeito à divisão social do trabalho nas famílias rurais. O processo de socialização desses/as jovens acontece a partir da definição dos lugares de rapazes e moças nos espaços da casa e do roçado. As atribuições de cada um estão definidas de forma sólida e aparentemente sem conflito, pois os/as jovens não demonstram resistências quanto aos papéis definidos para cada um.

A escola é compreendida também como espaço que tem um valor social relevante no meio rural. Para "As meninas que sonham," estar nessa instituição possibilita aprender coisas interessantes que poderão ser partilhadas com os outros. Destacam, assim, o compromisso com os que provavelmente "não têm estudo nenhum," o que acentua as mudanças ocorridas no processo de escolarização do Distrito desde a oferta da II etapa do ensino fundamental, em 1992. Se em épocas passadas os "antigos do lugar" passaram por privações e constrangimentos carregando a alcunha de analfabetos e ignorantes, no momento presente "as jovens meninas que sonham," estão familiarizadas com a cultura escolar e se sentem capazes de se movimentar no mundo da cultura letrada.

Quanto a "Os/as jovens que vêm de longe," apreciam a escola disciplinar, comprometida com o ensino eficiente que os torne capazes de aprender coisas

interessantes e melhorar o discurso. Os jovens acentuam a responsabilidade da escola para com a garantia e eficiência em relação à aquisição de saberes escolares, já que para os/as jovens desse grupo, essa instituição está autorizada para esse fim. Propõem que ela os livre do estigma que acompanhou a vida de familiares e conhecidos durante toda uma vida: o de "falar errado," "não saber falar" ou "não saber fazer conta". Essa experiência inscrita na memória de muitos homens e mulheres do meio rural parece perturbar "Os(as) jovens que vêm de longe". Talvez por isso seja tão urgente e importante não ser só "um carregador de livro," mas apropriar-se de um "discursuzinho melhor." Entrar no mundo instituído vai além da busca pelo trabalho e pela melhoria de vida, essa entrada está atrelada também ao desejo de ser reconhecido como capaz, como sujeito que se apropriou dos códigos da cultura letrada.

Referências

ABRAMOVAY, Ricardo et alli. *Dilemas e estratégias do jovens rurais: ficar ou partir.* Estudos Sociedade e Agricultura, vol.12, n.1, 2004, p.236-271.

_____. (coord). *Juventude e agricultura familiar: desafios dos novos padrões sucessórios*. Brasília: Unesco, 1998.

CARNEIRO, Maria José. *Juventude rural: projetos e valores*. In: ABRAMO, H. W.;BRANCO, P.P.M (Orgs). Retrato da juventude brasileira: análise de uma pesquisa nacional. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005, p.243-261.

CONNEL, R.W.Pobreza e educação. IN: GENTILI, Pablo (org). *Pedagogia da exclusão*.Petrópolis: Vozes, 2002.

DAYRELL, Juarez Tarcísio. *A juventude e a educação de jovens e adultos – reflexões iniciais*. In: SOARES, L.; GIOVANETTI, M. A. G. de C.; GOMES, N. L. (Orgs). Diálogos na educação de jovens e adultos. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p. 53-64.

FREITAS, Marcos (org). *Desigualdade social e diversidade cultural na infância e na juventude*. São Paulo: Cortez Editora, 2006.

NAIF, Luciene A.M; SÁ, Celso Pereira; NAIF, Denis Giovanni M. *Preciso estudar para ser alguém: memória e representações sociais na educação escolar*.Paidéia. 18 (39), 2008, p.125-138. Disponível em www.scielo.br/pdf/paideia/v18n39a12.pdf

SARTI, Cynthia A. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres.* Campinas, SP: Autores Associados, 1996.

SPOSITO, Marília Pontes. *Juventude e escolarização*. Brasilia: COMPED/INEP/MEC, 2002. v. 1. 221 p.

_____. M. P. *Estudos sobre juventude em educação*. Revista Brasileira de Educação. Revista da Anped, São Paulo, n.5-6, 1997.

STROPASOLAS, Valmir L. *O mundo rural no horizonte dos jovens*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006.

VIEIRA, Rosângela Steffen. *Tem jovem no campo! Tem jovem homem, tem jovem mulher*. In: WOORTMANN, Ellen F.; MENACHE, Renata; HEREDIA, Beatriz (orgs). Margarida Alves – coletânea sobre estudos rurais e gênero. Brasília: MDA, IICA, 2006. p.195-214.

WELLER, Wivian. *A contribuição de Karl Mannheim para a pesquisa qualitativa: aspectos teóricos e metodológicos.* Sociologias. Porto Alegre, n.13, Jan./Abr. 2005, p.260-300

‘